

FILHOS DO ÉDEN

LIVRO 2

Outras obras do autor
publicadas pela Verus Editora

FILHOS DO ÉDEN:
LIVRO 1 – HERDEIROS DE ATLÂNTIDA

A BATALHA DO APOCALIPSE:
DA QUEDA DOS ANJOS AO CREPÚSCULO DO MUNDO

EDUARDO SPOHR

FILHOS DO ÉDEN
—
ANJOS DA MORTE

LIVRO 2

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2013



Editora

Raissa Castro

Coordenadora Editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Ana Paula Gomes

Revisão

Anna Carolina G. de Souza

Tássia Carvalho

Projeto Gráfico

André S. Tavares da Silva

Ilustração da Capa

© Stephan Stölting

© Verus Editora, 2013

ISBN: 978-85-7686-245-1

Direitos mundiais reservados, em língua portuguesa, por Verus Editora.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

VERUS EDITORA LTDA.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55

Jd. Santa Genebra II - 13084-753

Campinas/SP - Brasil

Fone/Fax: (19) 3249-0001

www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S749f

Spohr, Eduardo, 1976-

Filhos do Éden : Anjos da Morte : livro 2 / Eduardo Spohr. - 1.ed.

- Campinas, SP : Verus, 2013

23 cm

Apêndice

ISBN 978-85-7686-245-1

1. Anjos - Ficção. 2. Ficção brasileira. I. Título.

13-1376

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

*Para o meu pai, Carlos Eduardo, para quem
a guerra desperta o que há de pior
e de melhor no ser humano*

*Este livro é também um tributo aos soldados sem rosto,
aos homens e mulheres que lutaram e morreram...
e que nunca voltarão para casa*



SUMÁRIO

Apresentação: Tirem as crianças da sala	11
As Sete Castas Angélicas	14
Personagens	15
O Manuscrito Sagrado dos Malakins	21

LIVRO 2: ANJOS DA MORTE

PARTE I: GUERRA TOTAL (1944-1945)

1 Dia D, Hora H	29
2 Sono de Pedra	39
3 Quimeras	45
4 “Um Abismo Leva ao Outro”	51
5 O Primeiro dos Sete	55
6 Abul das Profundezas	60
7 Saint-Lô, a Capital em Ruínas	69
8 “Saíam Daí!”	76
9 Marie et Louise	82
10 Magia Suja	91
11 Brado de Horror	96

12	No Coração das Trevas	103
13	Nervos de Aço	110
14	“Um Bom Dia para Morrer”	116
15	Controle Psíquico	124
16	Zac	132
17	Aonde os Anjos Temem Ir	139
18	Marcha sobre Paris	144
19	Na Outra Margem do Sena	152
20	Pirâmide de Gelo	161
21	Ardenas	168
22	O Torreão	175
23	Gritos Calados	180
24	Sol Negro	187
25	Groll	193
26	A Escada Branca	198
27	Hitler Morre; Rumo a Tóquio	204

PARTE II: ANOS DOURADOS (1956-1969)

28	Cão de Caça	209
29	Sopro da Morte	215
30	Yaga	221
31	Gregorion	228
32	Gelo Eterno	233
33	Por um Punhado de Dólares	236
34	Posto de Controle	242
35	Busca e Destruição	249
36	O Ano do Macaco	255
37	Hué.....	262
38	Banshee	267
39	Corte Marcial	272
40	Lei do Universo	275
41	Permissão para Morrer	279

42	Inferno Verde	287
43	Octaedro	294
44	Buck Rickson. O Jato Fantasma	298
45	Cadeira da Morte	303
46	Campo Unificado	310
47	Sob o Calor de Mil Raios	318
48	Paz com Honra	326

PARTE III: TEMPORADA DE CAÇA (1972-1989)

49	Venice	335
50	A Deusa que Arde	343
51	Santa Sofia	349
52	Expresso do Oriente	354
53	Teth	359
54	Casa Segura	364
55	Andril	372
56	Anjos e Demônios	378
57	Escudo Humano	386
58	Pacto com o Diabo	392
59	Déjà Vu	399
60	Centro Médico	402
61	Dormindo com o Inimigo	407
62	Eixo	413
63	O Anjo das Águas	419
64	Reunião de Família	424
65	Vila Sésamo	429
66	O Clube do Inferno	439
67	“Até que a Morte os Separe”	446
68	Combustão Espontânea	454
69	Raqui’a	458
70	Morada dos Deuses	466
71	Paranoia	469

72 “Todo o Sangue Voltará para Você”	474
73 O Último Encanto	481
74 Dia do Pagamento	484
75 Éter	488
76 Beirute	491
77 Laços de Sangue	497
78 Denyel contra Urakin	499
79 Egnias	506
80 Seppuku	509
81 Na Praça do Obelisco	513
82 A Zona Secreta	517
83 O General Turquesa	520
84 Bolha de Estase	524
85 Ecaloths	528
86 Seis de Sete	531
87 A Cidade que Morreu Duas Vezes	535
88 Um Novo Dia para Morrer	540
Epílogo	549

LIVRO 3: PARAÍSO PERDIDO

Prólogo	553
---------------	-----

APÊNDICE

Nota Histórica: Ficção <i>versus</i> realidade	559
Lista de Reprodução:	
As músicas de <i>Anjos da Morte</i>	566
Linha do Tempo	570
Glossário	575



APRESENTAÇÃO

Tirem as crianças da sala

PÓLVORA, NAPALM, SANGUE E LÁGRIMAS. SE ME PERGUNTASSEM EM POUCAS PALAVRAS, eu diria que é *disso* que é feito este livro.

Depois de um ano e meio aquartelado em meu escritório, entre torradas de queijo e canecas de café forte, posso afirmar com certeza que *Filhos do Éden: Anjos da Morte* é o romance que eu sempre quis escrever, o que me deu mais prazer e também mais trabalho. Lá se foram unhas roídas, horas de pesquisa (algumas *in loco*), noites em claro revisando os capítulos, e finalmente o resultado é este que você tem em mãos.

Desde que tracei as primeiras linhas de *A Batalha do Apocalipse*, no longínquo verão de 2002, eu já alimentava a ideia de escrever, quem sabe um dia, uma obra ambientada no século XX, tendo as grandes guerras como plano de fundo. Infelizmente (ou felizmente), o enredo final de *A Batalha* não me permitiu explorar em detalhes a história contemporânea, deixando-me sem opção a não ser engavetar o projeto. A oportunidade ressurgiria então com a série *Filhos do Éden*, mais especialmente com o personagem Denyel, um dos querubins exilados que integrou, de 1914 a 1989, o esquadrão dos anjos da morte, celestes ordenados a viver na terra como pessoas comuns e a se alistar, de tempos em tempos, nos conflitos humanos, assumindo postos de batalha segundo a determinação (e o capricho) dos seus senhores, os malakins.

Este projeto (a realização dele, melhor dizendo) sempre foi para mim um sonho de infância, um tanto sádico talvez, porque desde criança sou fascina-

do por histórias de guerra. Curiosidade bizarra? Sede de sangue? Puro sadismo? Não, nada disso. Com efeito, as notícias que nos chegam do *front* nos tocam porque é no momento da morte que a verdadeira natureza humana surge, com toda a sua força. É diante do desespero que somos catapultados aos nossos limites, que os parâmetros sociais se quebram, e o que resta é o homem em seu estado mais puro. É nesse instante que nos superamos, que cometemos os atos mais bárbaros, que nos sacrificamos, que nos tornamos monstros, santos, heróis ou selvagens.

Escrever sobre guerras não é uma tarefa fácil. O maior problema, a meu ver, é a insistência, seja por parte dos governos ou da opinião pública em geral, em tratar os soldados como mera estatística, então o que um romancista precisa fazer é se focar não nas operações militares, mas no *indivíduo*, realçar o esforço particular dos combatentes e, ao mesmo tempo, não glorificar os atos de guerra, não tomar partido e não fazer julgamento de fatos históricos.

Com o avanço dos capítulos você perceberá, então, que este é um livro totalmente diferente dos meus trabalhos anteriores. Pela primeira vez, tomei a decisão de construir o enredo com foco nos personagens e não em determinado evento ou missão, um recurso que os americanos costumam chamar de *character-driven*. Nasceu assim uma narrativa mais adulta e sombria, com uma forte carga dramática e voltada, sobretudo, para a psicologia de Denyel e seu gradual processo de corrupção. O que importa, agora, não é o que se passa no mundo, mas a resposta do protagonista a tais episódios. Diante disso, *Anjos da Morte* se tornou (mesmo para mim) uma obra imprevisível em vários aspectos: eu sabia o que aconteceria a cada página, só não sabia *como*. E quem determinou esse *como* foi o próprio Denyel ao longo da história, e não o roteiro que eu havia previamente traçado.

Mas nem só de espoleta é feito este tomo. No ínterim entre as aventuras ocorridas no passado, saltaremos ao presente para acompanhar a jornada de Kaira, Uraquin e Ismael, um novo personagem que se junta ao coro, e sua missão de resgatar o amigo exilado. Esses trechos, é bom saber de antemão, são enigmáticos por natureza e servem como um mosaico da trilogia, um quebra-cabeça que precisa ser montado peça por peça e cujo significado só será revelado no terceiro volume — *Filhos do Éden: Paraíso Perdido* —, em que todas as tramas convergirão, unindo os heróis de hoje e de ontem sob as asas do mesmo destino.

O título deste texto está mais para uma brincadeira (se é que se pode brincar com essas coisas). A despeito das atrocidades aqui retratadas, quase todas inspiradas em acontecimentos reais, eu não acredito, sinceramente, que devamos fechar os olhos aos perigos que nos cercam. O sofrimento existe no mundo, sempre existiu. Em vez de dar as costas a ele, o nosso desafio, enquanto seres humanos, é *encarar* tais horrores, saber driblá-los ou combatê-los. O grande dilema está em lidar com essa duplicidade de sentimentos tanto fora quanto *dentro* de nós, do ódio ao amor, da crueldade à ternura, da tristeza à alegria. É viver dignamente e escolher o caminho do bem ante a sedutora face do mal.

Por fim, gostaria de agradecer aos leitores que me cobraram, todos os dias, a publicação deste título, por meio dos meus canais na internet. Cada uma dessas mensagens foi, sem dúvida, um combustível essencial para o meu solitário cotidiano como escritor, foi o que me estimulou a dar o máximo de mim para que afinal *Anjos da Morte* chegasse ao mercado. Incluo nestes agradecimentos, especialmente, a turma e os frequentadores do site Jovem Nerd, não apenas os criadores, Alexandre Ottoni e Deive Pazos, mas os nerds ao redor do país que me acompanham às sextas-feiras no Nerdcast e através dos posts no meu blog, no Twitter e no Facebook.

Carreguem seus rifles, preparem as baionetas, ajustem seus capacetes. Convido-os a embarcar comigo nesta viagem. De volta no tempo. De volta ao século XX.

EDUARDO SPOHR, *outono de 2013*

❖ ❖

AS SETE CASTAS ANGÉLICAS

- Querubins** Anjos guerreiros. Seus poderes são baseados em força, percepção, furtividade e rapidez.
- Serafins** Nobres, políticos e burocratas. Mestres na persuasão e na manipulação da mente.
- Elohins** Vivem no plano físico, geralmente disfarçados de seres humanos. Hábeis em se adaptar a etnias e grupos sociais.
- Ofanins** Anjos da guarda. Seres bondosos, que vagam no plano astral ajudando os seres humanos. Carismáticos, são capazes de controlar emoções.
- Hashmalins** Torturadores, anjos da punição. Controlam os espíritos e as trevas.
- Ishins** Celestes responsáveis por governar as forças elementais: fogo, terra, água e ar.
- Malakins** Sua missão é estudar o universo e a humanidade. Reclusos, podem moldar o tempo e o espaço.

✠ — ✠

PERSONAGENS

- Abul** Chamado no inferno de Abul das Profundezas. Um anjo caído que trabalhou com Ismael na Gehenna, antes da rebelião de Lúcifer.
- Albert Bruno** Jovem nativo da Louisiana, EUA. Serviu como atirador nas fileiras aliadas durante a Segunda Guerra Mundial.
- Andril** O Anjo Branco, conhecido pelas antigas tribos humanas como o Deus Branco. Um ishim que manipula o frio e o gelo. É um dos arcontes do arcanjo Miguel.
- Aralim** O Cintilante, o Quarto dos Sete. Um dos sete malakins que durante o século XX controlavam os anjos da morte.
- Astron** É um dos comodoros (generais serafins) a serviço das forças revolucionárias de Gabriel.
- Bakuno** Referido por seus seguidores como o Forte, é um demônio da casta dos baals.
- Bartley Smith** Jovem irlandês, amigo de Denyel nos campos da Primeira Guerra Mundial.
- Belfegor** Tenente de Bakuno e gerente do restaurante Passo Nero, em Roma.

- Benjamin T. Curtis** Primeiro-tenente da Companhia B durante a Guerra do Vietnã.
- Bobby Joe** Soldado que integrou a 1ª Divisão de Infantaria, Companhia F, durante a Segunda Guerra Mundial.
- Boris Lagutin** Oficial soviético responsável por experiências secretas na Indochina.
- Buck Rickson** Piloto de caça e helicóptero da Força Aérea dos Estados Unidos, entre 1965 e 1968.
- C. Bennett** Cabo da divisão dos paraquedistas durante a Segunda Guerra Mundial.
- Cardeal** Um dos elohins baseados na cidade de Roma. Seu nome humano era Giuseppe di Lazio.
- Carlo** Guarda-costas de Giuseppe di Lazio, o Cardeal.
- Chris Ericsson** Agente da CIA e assistente de Tom Craig.
- Crystal** Codinome da moça controlada por um dos demônios femininos no Clube do Inferno, em Amsterdã.
- Danny Rose** Agente da CIA. Substituto de Tom Craig.
- Denyel** Um dos querubins exilados que durante o século XX integraram o esquadrão dos anjos da morte.
- Donald Jackson** Cabo nativo da Louisiana, colega de Denyel no Vietnã.
- Douglas Keyne** Chefe dos boinas-verdes durante a incursão ao Camboja, em 1968.
- Duma** O Príncipe do Silêncio ou ainda o Segundo dos Sete. Um malakim, braço direito de Sólon.
- Eric Richard Tate** Identidade mortal usada por Denyel de 1973 a 1989.
- Flavio Ortega** Segundo-sargento da Companhia B durante a Batalha de Hué, no Vietnã, em 1968.
- Frederick Grump** Sargento dos boinas-verdes. Apelidado de Bebezão, participou, com Denyel e Craig, da incursão ao Camboja, em 1968. Imediato de Douglas Keyne.

- Gabriel** Mestre do Fogo, Mensageiro, Anjo da Revelação ou Força de Deus. Costumava ser enviado à Haled para cumprir missões ordenadas pelos arcanjos. Revoltou-se contra o irmão, Miguel, dando início à guerra civil.
- Glen Julius** Terceiro-sargento condecorado com a medalha Coração Púrpura por seus feitos na África, durante a Segunda Guerra Mundial. Integra a Companhia F de Denyel e Craig em 1944-1945.
- Gonzo** Sargento Frederico Gonzalez, um dos praças da Companhia B durante o conflito no Vietnã.
- Gordon Grey** Primeiro-sargento da Companhia B. Sua participação é destacada na Batalha de Hué, em 1968.
- Greg** Fantasma de um rapaz preso ao banheiro da “casa segura” de Denyel.
- Gregorion** Um dos elohins residentes na terra, suposto membro da teia.
- Greta** Gerente da agência dos correios onde Denyel mantém uma caixa postal entre 1956 e 1968, na cidade de Sacramento, capital do estado da Califórnia.
- Grisha** Carrasco ucraniano em serviço no Camboja com as tropas soviéticas.
- Gutaska Razda** Um dos cabeças da sociedade Thule, a organização esotérica patrocinada pelo Partido Nazista.
- Hildir** Capitã das valquírias, em Asgard.
- Ismael** O Executor. Aliado de Kaira e Urakin. Foi um dos poucos hashmalins que abraçaram a facção rebelde.
- Jeff** Nascido no Alabama, é segurança, até 1968, da agência dos correios onde Denyel mantém uma caixa postal, na cidade de Sacramento.
- John Mills** Operador de rádio da Companhia F durante a Batalha do Bulge, na Segunda Guerra Mundial.

- Kaira** Centelha Divina. Capitã dos exércitos revolucionários de Gabriel, é uma ishim da província do fogo.
- Kazan** Outro dos elohins apontado como um dos integrantes da teia. Dono de várias lojas no Grande Bazar de Istambul, nos anos 70.
- Kevin Taylor** Enfermeiro da Companhia F, participou com Denyel da invasão de Marie et Louise, em 1944.
- La Rosa** Um dos boinas-verdes liderados por Douglas Keyne, em 1968.
- Leviah** O Amigo dos Homens. Um ofanim partidário das forças rebeldes.
- Lúcifer** A Estrela da Manhã, chamado também de Filho do Alvo-recer, Portador da Luz ou Arcanjo Sombrio. Rebelou-se contra Miguel e hoje tem seu próprio domínio nas profundezas do inferno.
- Mark Garner** Jornalista britânico que fotografou execuções sumárias em Hué, no Vietnã do Sul, em 1968.
- Mickail** Um querubim exilado. Ao lado de Denyel, integrou o batalhão dos anjos da morte.
- Miguel** O Príncipe dos Anjos. Maior de todos os arcanjos, venceu os exércitos de Lúcifer e os expulsou para o Sheol.
- Mike Beluso** Fuzileiro naval na base aérea de Da Nang, em 1968.
- Nikarath** Um dos netos de Tehom, demônio anterior à criação do universo.
- Norma** Um dos dois fantasmas presos à “casa segura” de Denyel, em Londres.
- Pat De Forrest** Oficial-piloto do helicóptero que transportou Denyel, Craig e os boinas-verdes ao Camboja, em abril de 1968.
- Perry C. Lee** Homem possuído por Abul no hospício em Leiden, na década de 70.

- Primeiro Anjo** Figura temida e misteriosa. Antigo líder dos sentinelas.
- Prisca Ryke** Uma elohim, dona e gerente do Clube do Inferno, em Amsterdã.
- Rachel Arsen** Menina antes aprisionada no avatar de Kaira. Foi liberta durante a batalha em Athea, relatada em *Filhos do Éden: Herdeiros de Atlântida*.
- Rafael** A Cura de Deus ou o Quinto Arcanjo. O mais bondoso e indulgente dos primicérios. Desapareceu misteriosamente nos dias que se seguiram ao dilúvio.
- Richard Mitchell** Chamado de “Dick” pelos soldados, era o tenente da Companhia A, de Denyel.
- Rick Danny** Outro *marine* na base de Da Nang, no Vietnã do Sul, em 1968.
- Ron Julian** Cabo treinado pelos Rangers e atuante na Batalha de Hué.
- Sirith** Um demônio raptor. Foi derrotado por Denyel e Urakin na batalha de Athea e caiu (ferido, mas ainda vivo) nas águas douradas do rio Oceanus.
- Sólon** O Primeiro dos Sete. Líder do coro de sete malakins que controla os anjos da morte e, conseqüentemente, chefe de operações de Denyel.
- Sophia** Uma das supostas elohins residentes na terra, teoricamente não relacionada aos interesses da teia.
- Teth** O Terceiro dos Sete. Um dos malakins que anteriormente controlavam os anjos da morte.
- Thera** General atlante nomeado guardião de Egnias, a Segunda Cidade.
- Toddy Malone** Recruta norte-americano durante a Batalha do Bulge, nas Ardenas, em 1944-1945.
- Tom Craig** Sargento de pelotão atuante na Segunda Guerra Mundial, comandante de Denyel na incursão a Marie et Louise e depois nas Ardenas.

- Tony Akee** O Chefe. Soldado estadunidense de origem indígena que se junta a Denyel em Marie et Louise.
- Urakin** O Punho de Deus. Guerreiro obstinado e forte, é o parceiro de missão de Kaira e Ismael.
- Yaga** Hashmalim sob as ordens de Andril. Foi a “intercessora” de Denyel entre os anos 50 e 70.
- Zac** Um dos ofanins, amigo de Levih. Na terra, assume o avatar de um cão labrador.
- Zarion** Antigo guarda-costas de Kaira.

❖ ❖

O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAKINS

HOUVE UM TEMPO, MUITO ANTERIOR AO SURGIMENTO DO HOMEM, EM QUE OS anjos governavam a terra. Onipotentes e absolutos, eles voavam livres no céu primitivo, sobrevoavam os mares, esquadrihavam o solo, executavam danças espiraladas em volta do sol, fertilizavam o trabalho de Deus.

Começou então o sétimo dia, e com ele o alvorecer da espécie terrena. Preservada da influência celeste, a nova raça se consagrou como entidades únicas, inteligentes, e passou a governar o planeta — primeiro, a partir da escuridão das cavernas, depois em fortalezas de mármore e granito, para enfim tocar o céu em espigões de aço e concreto.

Embora inflados de amor e paixão, dos corações humanos germinavam também ódio e ganância. Os massacres começaram logo nas primeiras migrações, com as tribos nômades devastando as aldeias rivais, roubando suas terras, pilhando seus cofres. Essa selvageria desagradou os arcanjos, os regentes supremos do universo, que decidiram acabar com os mortais, esterilizando lagos e rios, destruindo cidades e portos.

Havia, porém, alguns que depositavam esperança nos homens, entre eles Gabriel, o Mestre do Fogo, que se recusou a obedecer às ordens homicidas de seu irmão, o arcanjo Miguel, dando início à guerra civil, um confronto que se alastrou pelas sete camadas do paraíso e seccionou duas facções de alados: os novos rebeldes, que lutam em defesa da palavra de Deus, e os legalistas, unos pelo desejo de exterminar os terrenos.

Quando essa mesma guerra se agravou, tanto Gabriel, o comandante dos revoltosos, quanto Miguel, seu tirânico parente, determinaram o Haniah, o Retorno, convocando todos os seus anjos que atuavam no plano físico para lutar as pelejas no céu, e assim a terra foi esvaziada. Alguns poucos foram autorizados a ficar, assumindo a posição de observadores, garantindo a manutenção da trégua estabelecida no mundo dos homens. Desde então, esses desgarrados, ou apenas “exilados”, como são conhecidos, vagam solitários de país em país. Disfarçados de pessoas comuns, eles presenciaram o fim do período gótico e a queda de Constantinopla; assistiram à expansão do Islã, às grandes navegações e às revoluções da Europa; testemunharam a colonização nas nações africanas e a extinção dos imperadores e reis.

Quando o século XX raiou no teatro da história, o tecido da realidade, a barreira mística que separa os reinos físico e espiritual, adensou-se. Os novos meios de comunicação e transporte levaram o progresso aos cantos mais distantes do globo, pervertendo os nódulos mágicos, apagando o poder dos velhos santuários, revertendo os últimos vértices, afastando os mortais da natureza divina.

Isolados no Sexto Céu, incapazes de enxergar o planeta justamente pelo adensamento do tecido, a casta dos malakins, cuja função é estudar os movimentos do cosmo, solicitou ao príncipe Miguel a criação de uma brigada que descesse à terra para pesquisar o avanço dos tempos. Relutante em abrir mão de seus capitães, ele ofereceu o serviço dos exilados, que havia milênios atuavam na sociedade terrestre, alheios às batalhas do paraíso.

Destacados, então, para servir sob as ordens dos malakins, esses exilados foram removidos de seus cargos originais e reorganizados sob a forma de um esquadrão de combate. Sua tarefa, a partir de agora, seria participar das guerras humanas, de *todas* as guerras, fantasiados de meros soldados, para anotar as façanhas militares, o comportamento das tropas e depois relatá-los aos seus superiores celestes.

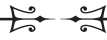
Esse esquadrão tomou parte em todos os conflitos do século XX, das pútridas trincheiras de Verdun às praias da Normandia, das selvas da Indochina à decadência da União Soviética. Embora muitos não desejassem matar, era exatamente isso o que lhes foi ordenado, e o que infelizmente acabaram fazendo.

Entre os outros querubins, esse grupo foi visto como uma turba de genocidas, lutadores desonrados, cheios de vícios carnisais. Por sua natureza erran-

te e até certo ponto obscura, eles nunca chegaram a ter um nome oficial, a não ser pela óbvia alcunha que os caracterizava.

Foram chamados de anjos da morte.

LIVRO 2



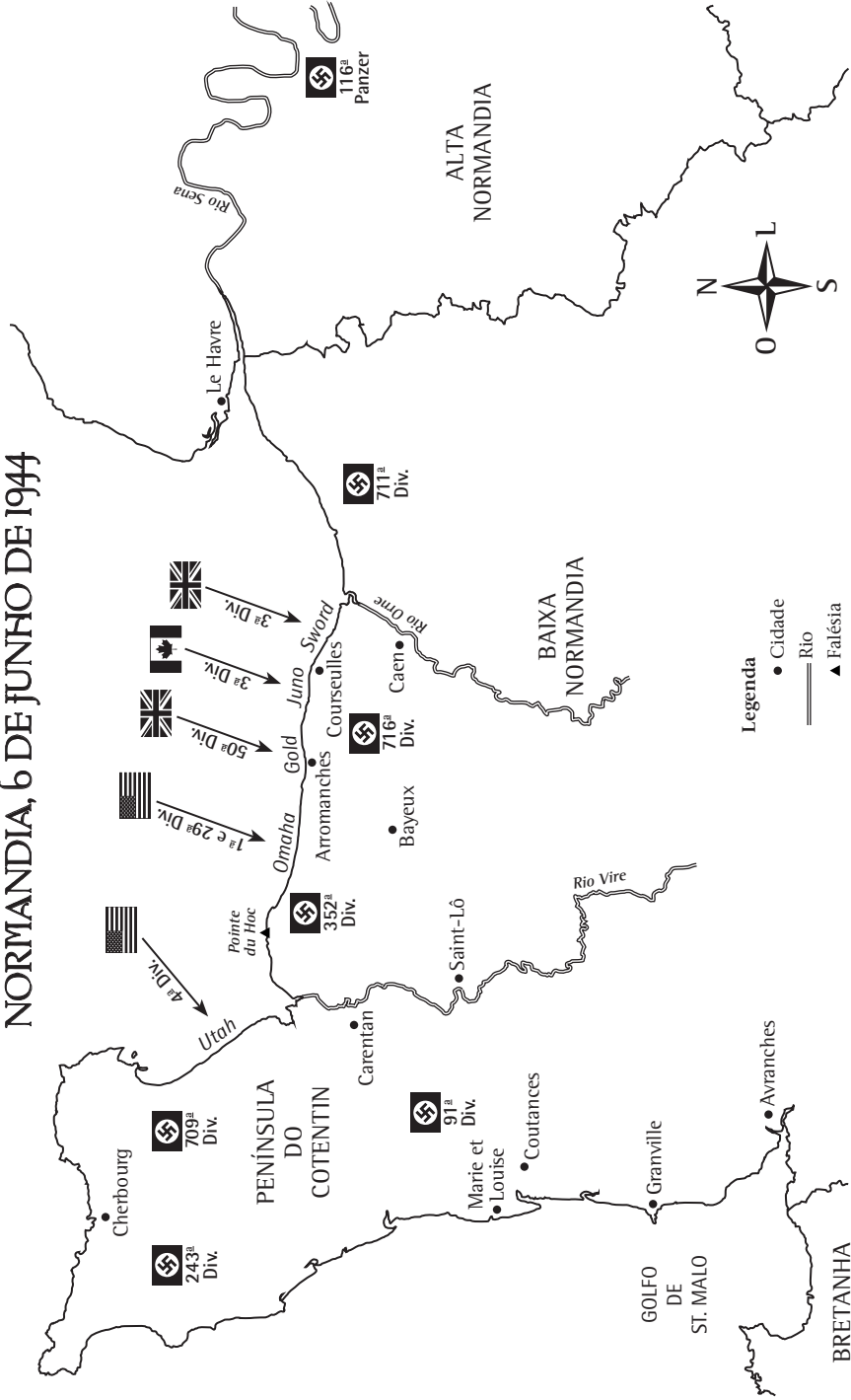
ANJOS
DA MORTE

PARTE I



GUERRA TOTAL
(1944-1945)

NORMANDIA, 6 DE JUNHO DE 1944



I

— ❖ — ❖ —

DIA D, HORA H

Praia de Omaha, França, 6 de junho de 1944

FUI O SEGREDO MAIS BEM GUARDADO DA HISTÓRIA. NINGUÉM SABIA QUANDO ia acontecer. Poderia ter sido nas tardes claras de abril, sem brisas ou gai-votas no céu, ou nas noites úmidas de agosto, quando as chuvas encharcam as praias da costa normanda.

Mas aconteceu no dia 6 de junho.

Nas primeiras horas da manhã, a numerosa frota aliada despontou no horizonte. Sobre as águas, singravam mais de cinco mil navios de guerra, encouraçados, destróieres, cruzadores e, à retaguarda, as naus de comando, abarrotadas de antenas e bandeirolas, cercadas por dúzias de lanchas de desembarque. Esses transportes, deslizando no mar agitado, rumavam agora na direção das cinco praias francesas escolhidas para a invasão, referidas sob os codinomes Utah e Omaha, reservadas aos norte-americanos, Gold e Sword, restritas aos britânicos, e Juno, onde ocorreria a incursão canadense.

Mas o Dia D, tal qual seria descrito nos livros de história, começara horas antes, ainda durante a madrugada, quando dezoito mil paraquedistas saltaram atrás das linhas germânicas. Seu trabalho era dinamitar pontes, obstruir as comunicações, inutilizar baterias e impedir o recuo das tropas alemãs, dispostas

a tudo para defender seus terrenos. Espalhados ao longo da península do Cotentin, esses combatentes aerotransportados, bem como os recrutas que agora se apertavam nas barcaças, tiveram como melhor amigo o efeito surpresa. Graças a um complexo esforço de contraespionagem, tanto os generais do Reich quanto o próprio Adolf Hitler acreditavam até o último segundo que o alvo do ataque seria o passo de Calais, a menor distância entre a Inglaterra e a França. Seguindo essa lógica, os nazistas estacionaram as poderosas divisões de tanques Panzer ao norte do rio Sena, quilômetros adentro do território francês, deixando a costa potencialmente desguarnecida, suportada apenas pela exausta 716ª Divisão, cujas lacunas haviam sido preenchidas por voluntários poloneses e russos.

Foi assim em Juno, Gold e Sword. Foi assim em Utah.

Omaha foi a exceção.

Para os praças e oficiais da 29ª e da 1ª Divisões de Infantaria, aquela seria uma alvorada sangrenta. Espremidos no interior dos lanchões, recurvados, com as roupas empapadas, eles quicavam ao balanço das ondas, o “elevador para o inferno”, comentava-se à boca pequena. O ruído dos motores os tonteava, o cheiro de diesel os deixava nauseados. Cada um daqueles homens estava equipado com um salva-vidas, portava facas, pistolas, granadas, rifles e trazia na mochila um conjunto de pás para cavar trincheiras, máscaras de gás, rações e estojos de primeiros socorros. Muitos não dormiam fazia duas noites, agitados pela expectativa, outros dispensaram a refeição matinal, e os mais fracos estavam enjoados. Em um desses transportes, um recruta na casa dos 30 anos chamava atenção pela frieza, um jovem de cabelos pretos e curtos, olhos castanhos, expressão arisca, estatura média, de corpo esguio e musculoso — essa era a aparência de Denyel, o anjo exilado, o *anjo da morte*, o celeste que, disfarçado de gente, integrava agora a primeira leva de assalto.

Denyel contemplou o céu. Uma manhã chuvosa e cinzenta, diferente de todas as outras. Os fachos de sol cortavam as nuvens, desciam em feixes dourados, penetrando como lanças na superfície do mar. Vista de dentro, a embarcação parecia uma lata de sardinha — imunda, fedorenta, com onze metros de extensão e espaço para 36 ocupantes. A seção dianteira servia também como rampa, um palmo mais alta que as laterais, obscurecendo a vista da praia, envolvendo a operação numa névoa de terror e mistério.

— Mantenham a linha — souou uma voz nos megafones, pedindo aos timoneiros que segurassem a formação, que ameaçava se romper com o sobe e

desce das ondas. — Mantenham a linha. Controlem seus lemes. Toda força a bombordo!

Um avião Thunderbolt passou em rasante por eles, girou a hélice, revolveu a água marinha, e a seguir surgiram outros caças, os britânicos Spitfires, acompanhados por uma esquadrilha de bombardeiros Mustang, alinhando-se para despejar suas bombas. Mais acima, invisíveis aos seres humanos, avançando como andorinhas, ocultos através do tecido, Denyel avistou um coro de cem ofanins. Conhecidos como anjos da guarda, esses alados são entidades pacíficas e sempre aparecem ao prenúncio de um grande confronto, com a missão de prestar assistência aos que perecem em combate, sem fazer distinção de credo, etnia ou nacionalidade, orientando os recém-falecidos ao correto caminho do céu.

Denyel não era um ofanim, embora às vezes os invejasse — era um *querubim*, pertencente à casta guerreira, ordenado a permanecer no plano físico para registrar as batalhas terrenas. Sob o comando de seus arcontes, como são chamados os capitães celestiais, ele se alistara no exército dos Estados Unidos em novembro de 1939. Incorporado à 1ª Divisão de Infantaria, a Grande Rubra, 16º Regimento, fora enviado à Argélia em 1942. Dali, sua unidade seguiu para a Tunísia e a Sicília, sendo finalmente destacada, em 1943, para a série de treinamentos que culminariam no tão aguardado Dia dos Dias.

Denyel tentava se comportar como os outros recrutas, mas era de personalidade sombria, o que lhe valera a fama de psicótico. Depois da traumática experiência nas trincheiras do Somme, durante a Primeira Guerra Mundial, ele deliberadamente escolhera não fazer mais amigos. Para corroborar seu disfarce, recusara todas as promoções, permanecendo no posto de soldado raso, um sujeito absolutamente ordinário, sem qualquer atributo incomum.

O exilado virou o pescoço e observou os colegas. Diferentemente dos demais combatentes, os infantas da Grande Rubra eram experientes, com aquele instinto especial para o tiro. O emblema costurado no ombro, com o número 1 bordado em vermelho, era o símbolo da divisão, motivo de orgulho para quem o ostentasse. O uniforme estava camuflado para o verão europeu, em tons marrons, esverdeados e cinzentos.

Denyel ajustou o capacete. Os fios negros estavam cortados à máquina, e a barba fora cautelosamente raspada. De pele clara e sobrancelhas escuras, fazia-se passar por ítalo-americano, igual a muitos outros cujos pais imigraram para a América no princípio do século.

— Sabe o que está me preocupando? — um praça ao seu lado, magro, de óculos redondos, puxou assunto. Valia tudo para despistar o nervosismo. — Os tubarões.

— Está louco — rosnou um sargento de bigodinho. — Não tem tubarão na França.

— Quem disse?

— *Eu* estou dizendo, seu cagão — o mais graduado respondeu com dureza.

— Silêncio aí atrás — esbravejou um oficial de 28 anos, o tenente Richard “Dick” Mitchell, que apesar da pouca idade liderava a companhia fazia onze meses. Encontrava-se agora na frente do barco, as bochechas úmidas, empunhando o fuzil. — Se forem abrir a boca, que seja para rezar. E mantenham a cabeça baixa — ordenou, e imediatamente metade dos recrutas começou a recitar o pai-nosso. Não levou nem um minuto para que os demais os imitassem, nem tanto por fé, mais por coleguismo.

— Ei, Clarence — um cabo cutucou o parceiro, que orava com toda a energia. — Pensei que fosse ateu.

— Rapaz, numa hora dessas qualquer ajuda é bem-vinda — justificou-se, e teria prolongado a conversa não fosse calado por um estrondo.

Duzentos metros à traseira, as belonaves iniciavam suas cusparadas metálicas. Chumbo e calor foram assim projetados contra o litoral, numa fabulosa tempestade escaldante. O céu acinzentado clareou, e enfim os obuses detonaram sobre as casamatas alemãs, construídas nas dunas e acima dos promontórios. Essas salvas eram tão duras, tão massivas, que parecia realmente impossível que qualquer coisa resistisse, mas os germânicos haviam cavado fundo e estavam bem protegidos, especialmente os defensores de Omaha, compostos não pelos estrangeiros da 716ª Divisão, mas por veteranos da 352ª, calejados por cinco anos de combates ininterruptos.

De repente, a faixa à beira-mar foi engolida por uma cortina de fumaça, o que afastou os aviões, abrindo caminho para o assalto por terra.

Eram 6h30 do dia 6 de junho de 1944 e, para os três mil soldados que compunham a primeira onda de ataques, a Hora H havia chegado.

Os possantes canhões alemães, distribuídos sobre as colinas, conservavam-se até então emudecidos, dando a falsa impressão de que os defensores teriam

sido exterminados. Nas lanchas, alguns homens, antes tensos, relaxaram a guarda. Denyel esticou o pescoço e notou que pelo menos cinco barcaças pesadas, que traziam jipes, tanques e munição, haviam naufragado, abatidas pelo mar ondulante. Foram essas as primeiras baixas do Dia D, causadas não pela ação do homem, mas pela força da natureza. Sobre as águas, cadáveres boiavam, e o exilado testemunhou o momento em que três ofanins mergulharam, buscaram os espíritos aturdidos e os alçaram, precisamente como gaivotas.

Súbito, ouviu-se uma pancada, e ele deduziu que haviam encalhado. A expectativa era a de sofrer um ataque repentino de metralhadora, mas quando a rampa desceu o pelotão descobriu-se a cem metros da praia, com o casco fundeado sobre um banco de areia. As posições inimigas continuavam nebulosas, mascaradas pelo denso vapor, e diante disso o tenente Mitchell ordenou o avanço.

— Vamos descendo, rapazes. Espalhem-se — ele berrou, enquanto pulava sobre o platô arenoso. — É raso. Está raso deste lado. Rifles engatilhados. Preparem-se para dar uma lição nesses bastardos.

Os primeiros soldados desembarcaram sem muito alarde, e junto deles Denyel. Percorreram não mais que vinte passos quando, ocultos nas planícies costeiras, os “bastardos” começaram a atirar. Longe ainda do alcance das metralhadoras, os pelotões de vanguarda foram castigados pela pesada artilharia dos canhões de 88 milímetros. Foguetes estouraram sobre eles, estilhaços cho-veram às centenas. De uma hora para outra, era como se a guerra tivesse ganhado outra dimensão, mais terrível e assustadora.

Denyel atirou-se no chão, depois se levantou e procurou o tenente. Sobreveio um segundo clamor, e perto dali um barco lotado foi pelos ares, numa incrível explosão de sangue e poeira. Um fragmento de aço decepou a testa do jovem Richard Mitchell, rasgando-lhe o capacete na vertical.

O exilado se ergueu, o rifle cheio de terra, e reparou com seus olhos de anjo que muitos espíritos já mortos continuavam a marchar. Por isso, ele entendeu, a presença dos ofanins era tão necessária, para que essas almas não se transformassem em fantasmas, seres amargurados, eternamente presos à terra.

Uma terceira bala de canhão estourou não no solo, mas no ar, projetando faíscas e lascas de ferro. O sopro arremessou Denyel uns quinze metros à direita, queimou-lhe o antebraço, carbonizou a manga da jaqueta, desorientou-o por alguns segundos, e ao recuperar a postura ele tinha areia grudada

na cara. Observou a balbúrdia de corpos, os oficiais mutilados, os pedacinhos de conchas cristalizados.

A única saída daquele escarcéu, todos intuíram, era prosseguir, ainda que o percurso fosse tortuoso. Ou eles se arriscavam contra as metralhadoras, mais à frente, ou ficavam estáticos no banco de areia, onde seriam trucidados pelas baterias, sem qualquer chance de reação.

Injetados de adrenalina, os batalhões correram em filas desordenadas, transpondo os gases e chegando às barreiras dispostas na arrebentação. Esses obstáculos, em forma de tetraedros de aço, tinham o objetivo de atravancar os anfíbios e, no caso das tropas de infantaria, serviam como cobertura. Foi então que Denyel e seus camaradas avistaram as dunas, os morros arenosos e as casamatas, e nesse exato instante as metralhadoras alemãs dispararam.

Dez minutos se haviam passado, e Omaha se transformara num cemitério ao ar livre. Os defuntos, alguns cortados ao meio, eram arrastados pela maré. Barcos de tropas e equipamentos ardiam em chamas. Sobre o mar, flutuavam telefones, antenas, rádios quebrados, caixas de munição, cantis, capacetes, fuzis entortados, cordas, pacotes de ração.

O exilado retrocedeu. Buscou a proteção do casco de uma lancha virada. Mais de dois terços de seus colegas haviam caído, e ele era o único capaz de divisar os atiradores dentro dos abrigos, graças aos seus sentidos apurados, característicos dos querubins. Puxou o gatilho, mas errou de propósito — por determinação dos arcontes, os anjos da morte não podiam empregar seus poderes, suas *divindades*, contra os mortais, nem mesmo para decidir o curso de uma grande batalha.

Descarregou o pente e escutou os motores de mais barcaças que atracavam. Com explosões no céu, na terra e no oceano, cercados por ilhas de destroços, a impressão que se tinha era a de ter ingressado no inferno. Um dos anfíbios empinou na crista de uma onda e se desintegrou ao impacto de um foguete inimigo.

Denyel andou vagarosamente na direção da área seca, um terreno perigoso mesmo para ele, com minas escondidas sob toras de madeira e cercas de arame farpado — os anjos se curam mais rápido que os seres humanos e às vezes podem até regenerar certos membros, mas, se o coração for atingido, é o fim

de sua existência carnal. O caos então se estendia por todos os ângulos da praia, dali às falésias de Pointe du Hoc, um precipício que logo seria atacado pelos batedores do exército. Para piorar, a ressaca empurrara os barcos a leste, e muitos soldados desembarcaram longe de seus setores originais. Quase a totalidade desses infantes ficara ali, parada, em completo estado de choque, cerca de oitocentos homens sem saber para onde ir, sendo abatidos como patos selvagens, acotovelados atrás dos tetraedros, simplesmente tentando sobreviver.

Nessas condições, parecia impraticável continuar, até que ocorreu um fenômeno notável, que Denyel jamais esqueceria. De todas as características humanas, ele refletiu ao focalizar uma bala traçante, talvez a mais estupenda seja a capacidade de se *adaptar*, de se moldar, física e mentalmente, às situações mais adversas. Passadas duas horas de pura carnificina, os sobreviventes, agachados junto aos cadáveres, começaram a se acostumar ao perigo. O choque que os paralisara no início aos poucos se transmutava em uma coragem instintiva. Os combatentes que ainda resistiam foram tomados por uma espécie de embriaguez, por uma vontade absurda de sobreviver, não importava a que custo.

Às 8h15 enfim uma brecha se abriu, com os recursos alemães, sobretudo as minas, sendo consumidos em detonações simultâneas, que vitimavam dez, quinze americanos por vez. Reunidos em pequenos grupos, os recrutas principiaram a subida aos outeiros, à medida que a cerração provocada pelo ataque aéreo se dissipava. Denyel acompanhou um capitão desconhecido, de olhos claros, e com mais oito praças galgou o barranco aos tropeços, tentando raspear sobre o mato.

Um tiro de espingarda furou a garganta de um dos soldados, que morreu na hora, enquanto seu espírito repetia através da membrana:

— Estou bem, estou bem — e continuou a se esgueirar, sem realmente notar que morreria. — Não se preocupem comigo, estou inteiro. Estou bem.

O militar à sua esquerda também não teve sorte. Um disparo resvalou na granada que ele trazia presa ao suspensório, arrancando-lhe a cabeça e cegando o parceiro à dianteira. O capitão não parou para acudi-los, na verdade nem sequer se deteve — a perda ou a morte de alguém, naquelas circunstâncias, era trivial, um acontecimento totalmente aceitável.

Sob gritos desesperados de socorro, Denyel e o que sobrara do time avançado se agruparam de costas para um muro cimentado. Havia uma casamata

de concreto, visível a cinquenta metros. O capitão que os liderava carregou a bazuca, apontou para o abrigo e atirou, destruindo parte da janela, o que atordoou os alemães e deu tempo para que os norte-americanos escalassem a la-deira, contornando o posto pelos dois flancos.

Ninguém, fora o exilado, reparou no ninho de metralhadoras armado sobre uma rocha, ao sul. Um dos homens do seu pelotão foi decapitado pelas rajadas, sucedidas pela deflagração de um morteiro. O anjo mergulhou numa cratera, escapou do pior e, mesmo com o braço crestado, respondeu com três balas que incapacitaram os germânicos. Quando emergiu, o rosto estava preto. Encontrou o comandante crivado de chumbo, mas ainda vivo, e ele o incentivou:

— Aproveite agora — o oficial entregou a ele duas granadas.

— Sim, senhor — Denyel respondeu num timbre automático e sozinho partiu para atacar a casamata. Rolou os dois explosivos através da abertura, esperou a detonação e na sequência entrou pela porta, a fumaça ainda quente, os grãos de poeira cintilando no ar.

Dentro do abrigo, o querubim distinguiu cinco artilheiros dilacerados, com a pele grudada no teto, os órgãos espalhados no chão. Suas armas eram inúteis agora, e nas paredes havia marcas de fogo. Denyel respirou fundo, provou o odor de pólvora seca. Estava faminto por conta do braço, então aproveitou para vasculhar os armários. Embora os celestiais possam curar seus corpos físicos, os chamados avatares, eles ainda precisam de comida e descanso — o alimento se converte em matéria, a substância necessária para que regenerem a carne, o tecido e os ossos.

O exilado descobriu sobre um baú uma lata de salmão em conserva, abriu-a com o canivete, utilizou a lâmina como colher e enfiou o peixe na goela. Fechou os olhos, apreciou a iguaria, mas a tensão renasceu quando escutou o clique de uma pistola sendo engatilhada.

— Peguei você, ianque de merda — sibilou uma voz masculina, cuspiendo as palavras num alemão prussiano. Era um major da Wehrmacht, o exército germânico, que o rendia, de cabelos louros e curtos, os olhos grandes e castanhos, a barba rala. Usava uma boina escura e um uniforme cinzento, com a águia nazista bordada no peito. Apontou a Luger para o seu coração. — E agora, como espera sair dessa?

Denyel o encarou com seriedade. Fora apanhado de surpresa e, uma vez na mira, aparentemente nada poderia salvá-lo. Só que, em vez de levantar os braços para se entregar, ele saboreou o salmão, engoliu e deu um sorriso.

— Bom isso, hein? — retorquiu em inglês, a boca cheia. — É da Noruega?

— Mar do Japão. — O oficial guardou a arma, e os dois se abraçaram vigorosamente. — Deveria ter mais cuidado. E se eu fosse um soldado inimigo?

— Nesse caso, eu o teria notado. — O querubim reconheceu seu antigo parceiro, Mickail, também convocado ao esquadrão dos anjos da morte, mas que fora ordenado a se alistar nas potências do Eixo, afinal os arcontes exigiam relatos de ambos os lados. — Que coincidência.

— Coincidência até de mais.

— Como assim?

— Sei lá o que se passa na mente daqueles palermas. — “Palermas” era como Denyel e Mickail intimamente se referiam aos seus chefes, os malakins. Comentava-se que tais anjos tinham o dom de antever o futuro e o usavam para planejar todas as suas ações, minuciosamente.

Trovejaram mais bombas no setor norte da praia, sobre os rochedos de Pointe du Hoc. Denyel visualizou a orla a partir da estreita janela. Passadas três horas, Omaha era uma selva de sangue e metal, com barcos, anfíbios e tanques incendiados. Os enfermeiros prestavam socorro aos feridos, aplicavam-lhes injeções de morfina, espargiam sulfa sobre os membros talhados. Centenas de fantasmas ainda corriam, choravam, e no plano astral os ofanins os acudiam. Grande parte dos abrigos havia sido tomada, mas a luta pela Normandia estava longe de terminar.

Denyel escutou passos no lado de fora.

— Desmaterialize-se — aconselhou ao comparsa. — Deve escapar voando através do tecido. *Fuja!*

— Eu *devo*? — o “major” alargou um sorriso. — Não podemos nos desmaterializar, Denyel. Ou se esqueceu? — Na terra, Mickail adotara o curioso nome de Fritz, que era também um apelido dado pelos norte-americanos aos alemães em geral. — Nossas instruções são para não deixarmos o reino físico. — Ele era rígido no cumprimento de ordens, não à toa se adaptara tão bem ao exército germânico. — Precisa me tomar como prisioneiro.

Denyel experimentara a dura tarefa do desembarque e temia que os praças não desejassem fazer prisioneiros. Recolheu argumentos para convencer

o colega, mas ao abrir a boca um estampido fez a casamata rufar. Atingido por um disparo no coração, o celeste de fios louros tombou. Tentou se agarrar ao amigo, mas a vida física o deixara, e, ainda que perder o avatar não significasse para ele a morte final, era de qualquer maneira uma experiência traumática, que poderia deixá-lo fora de ação por anos, talvez séculos, até que o espírito se recobrasse.

Por um instante, Denyel ficou congelado. Um cabo da 1ª Divisão adentrou o posto fazendo sinal de positivo, certo de que o havia salvado.

— De nada — deu-lhe uma palmada no ombro. — Posso ficar com a Luger?

— Claro — ele respondeu, apático. As pistolas Luger, usadas pelos oficiais alemães, constituíam um souvenir dos mais cobiçados.

— Cadê o sorriso? — um segundo rapaz o estimulou. — Ouvi dizer que estamos arrastando esses putos costa adentro, daqui até Juno.

— Joia — o exilado sacudiu o pescoço. — Muito bom — voltou à consciência. — Para o inferno com esses canalhas.

— É assim que se fala — disse o cabo. — O segredo é pensar grande.

— Exato — maneou a cabeça. — Pensar grande — Denyel repetiu para si mesmo, fitando o avatar inerte de Mickail. Sibilou as palavras mágicas, como as nomeara, o mantra que recitava sempre que as emoções ameaçavam suplantarem a razão: — Não é uma guerra, é um *jogo*.

2

SONO DE PEDRA

Santa Helena, região serrana do Rio de Janeiro, dias atuais

ISMAEL ESTAVA PARADO NO MEIO DO MATO, O PÉ ESQUERDO SOBRE UM TRONCO maciço. Cauteloso, ele observava a entrada da gruta. Era um hashmalim, um dos anjos da punição, a casta de juízes e executores do céu. Na condição de torturador e carrasco, ele aprendera a manipular as almas humanas e detinha o poder de conversar com os espíritos, vivos ou mortos, prendê-los ou transferi-los para outros corpos e objetos.

Entre os celestes, Ismael era conhecido como Executor, não por executar as pessoas, mas por cumprir ordens à risca, nunca dando margem ao fracasso. Magro, a cara ossuda, tinha a pele pálida e as veias saltadas, formando caminhos que iam do pescoço ao topo da cabeça lisa, careca. Os olhos eram pequenos, sombrios e amendoados, e a expressão, aterradora, feito a dos mais implacáveis algozes. Com tudo isso — e *apesar* disso —, o controverso Ismael era simpatizante das causas terrenas, um dos poucos hashmalins que se associaram às forças de Gabriel contra as tirânicas legiões do arcanjo Miguel. Não se considerava uma entidade bondosa, pelo contrário, mas suas motivações eram justas — ele não achava que os mortais deveriam ser exterminados, como pregavam os legalistas, mas *doutrinados*, o que só aconteceria, no seu breve

entender, por meio da dor e do sofrimento, por isso seu trabalho era tão crucial, embora potencialmente cruel.

Ismael tinha os sapatos sujos de lama. Trajava calças pretas de algodão, com gravata e colete escuros sobre uma camisa social branca. Era meados de julho, o início do inverno no hemisfério Sul, uma tarde úmida nas montanhas de Santa Helena. Dobrou as mangas compridas e olhou para sua líder, à esquerda, a quem ele chamava de Kaira, Centelha Divina, pertencente à casta dos ishins, os regentes da natureza. Sendo uma arconte, uma capitã das unidades celestes, ela tinha o direito de montar sua própria equipe, mesmo no caso de uma missão que, por diversos motivos, já não seguia mais o curso original. O corpo de Kaira era idêntico ao de uma mulher humana, de longos cabelos ruivos, sardas sobre o nariz e olhos verdes, fortes e sedutores. Junto a ela, um terceiro anjo montava guarda: Urakin, Punho de Deus, um soldado da ordem dos querubins, um gigante de dois metros de altura, tronco forte e massudo, cabeça raspada e cavanhaque castanho, vestindo camiseta, japona e coturnos.

— Cortina de Aço. — Ismael se voltou para os seus companheiros. — O tecido da realidade é intransponível deste ponto em diante — disse ele, sempre com aquela voz rouca, penetrante. — Não podemos invadir a caverna através do astral. — O plano astral é a camada mais rasa do mundo espiritual, uma espécie de reflexo da terra, por onde caminham os fantasmas e as almas penadas. — Está fora de questão, infelizmente.

— Cortina de Aço. — Kaira se recordou do pouco que sabia sobre o assunto. — É uma técnica usada pelos membros de sua ordem para lacrar prisões e calabouços no reino físico, não é? — Na hora, veio-lhe à mente a figura de Yaga, sua antiga oponente, destruída fazia alguns meses. — Não pode anular os efeitos?

— Já tentei — explicou o Executor. — Mas a verdade é que não foi um anjo que levantou esta barreira, portanto eu não posso quebrá-la.

— Não foi um anjo? — a arconte estranhou. — Pensei que Yaga tivesse construído este santuário, a partir das ordens de seu chefe, Andril.

— De fato, eles usaram este lugar como refúgio, mas a Cortina de Aço me parece anterior à sua chegada — afirmou Ismael, circunspecto. — Muito anterior, eu diria. Deve ter surgido naturalmente ou a partir de... — ele se deteve por um instante. — De algo incrivelmente maior.

Kaira mirou a copa das árvores, depois voltou a encarar o paredão, reparando na abertura redonda que conduzia ao interior da montanha. Fora sua

a ideia de regressar a Santa Helena em busca de pistas sobre sua nova missão. Recebera diretamente das mãos do arcanjo Gabriel a incumbência secreta de localizar um misterioso inimigo do céu, conhecido apenas como Primeiro Anjo, foragido havia meses de sua prisão na Gehenna, mas por conta própria decidiu que, antes, precisava resgatar o seu antigo parceiro de lutas, Denyel, sugado pelo redemoinho cósmico do rio Oceanus e atirado a alguma dimensão paralela. Denyel se sacrificara por eles, permitindo que fugissem de um templo prestes a desabar, portanto não seria esquecido. O objetivo mais imediato daquele time de combatentes era encontrar a colônia atlântica de Egnias, onde se acreditava existir um segundo afluente do rio, que em teoria poderia transportá-los ao exato local em que jazia o amigo.

— Pode rastrear a origem dessa potência?

— Daqui não — disse Ismael. — Mas talvez eu tenha melhores chances lá dentro.

Urakin avançou. Era um brutamontes, mas, a exemplo de um urso que caça na mata, ele quase não fazia barulho. Observou a passagem rochosa. Com seu olfato de predador, sentiu o cheiro de carne apodrecida, ou melhor, de carne *apodrecendo*, e exclamou:

— Que eu me recorde, a Cortina de Aço apenas impede a desmaterialização, mas o caminho está livre — apontou para a gruta. No plano físico, realmente não havia nenhum obstáculo que os atrasasse. — Podemos seguir a qualquer hora. — Olhou para a ruiva. — Por que não entramos de uma vez?

— Sim, mas Ismael vai na frente — Kaira lançou uma ordem. — Cubra a retaguarda — designou Urakin para essa tarefa. — Uma coisa boa, pelo menos.

— O quê? — perguntou o Punho de Deus.

— Sem mais surpresas. Desta vez já sabemos o que vamos encontrar.

Quando entrou na caverna, Kaira teve a impressão de que muitos séculos se haviam passado. Ela e Urakin, com o falecido Levih, o ofanim que os acompanhara na antiga missão, haviam estado naquele lugar não fazia mais que três meses, mas tanta coisa mudara que era impossível não pensar em Rachel, a jovem que ela acreditara ser por quase dois anos, antes de ter parte de suas memórias restaurada. Os problemas da vida humana lhe pareciam utópicos agora, simples e até agradáveis, pertencentes a uma época que não voltaria jamais.

Não era apenas Kaira que havia mudado. Com a morte de seu principal adversário, Andril, nomeado de Anjo Branco, as paredes antes cristalizadas haviam descongelado, e agora tudo o que se via era uma galeria de rocha crua, um túnel longo e profundo que prosseguia em aclave. A escuridão apertou, o que não chegou a complicá-los. Ismael, acostumado às trevas do Segundo Céu, podia enxergar mesmo na negritude mais densa. Kaira, hábil na manipulação do calor, avistava os espectros térmicos, ao passo que Urakin se guiava pela audição e pelo olfato.

Logo nos primeiros cem metros, os celestes toparam com um amontoado de dez cadáveres em putrefação, um sobre o outro, com o que sobrara da carne sendo devorado por vermes.

— Vítimas de Sirith — comentou a arconte.

— Sirith? — indagou Ismael.

— Um raptor — ela esclareceu —, um demônio que se aliou ao inimigo contra nós. Sirith tinha a capacidade de copiar qualquer forma, e essas pessoas foram mortas por ele.

— Estavam presas à parede, quando a caverna ainda era frígida — acrescentou Urakin. — Devem ter despencado após o degelo.

— Esses diabretes são abjetos — resmungou Ismael, divisando um ponto de luz adiante. Virou-se para Kaira. — É aquela a câmara da qual me falou?

— Não, aquele é o observatório. — Uma pequena fissura se abria na parede norte, banhando a galeria com o sol da manhã. — Mas não viemos por causa dele.

Os três anjos passaram ao largo da “sala do observatório”, como eles a haviam apelidado, uma antecâmara usada por Yaga e Andril para vigiar os passos de Kaira, quando ela ainda julgava ser uma estudante na Universidade de Santa Helena. O telescópio de cristal descongelara, a exemplo de todo o resto, transformando o local num mirante, com sua janela natural aberta para o bosque lá embaixo.

A seguir, Kaira, Ismael e Urakin chegaram a um aposento diferente, acessível por meio de uma fresta. Um objeto que parecia um sarcófago fora deixado no chão, abraçado por estalagmites de granito que o envolviam feito garras. Deitado naquele ataúde sem tampa, a arconte esperava encontrar o corpo do

regente de Atlântida, o general aprisionado, cujo espírito pretendia sondar para extrair informações a respeito de Egnias — por isso trouxera consigo Ismael. Mas, ao se aproximar do suposto caixão, ela teve uma desagradável surpresa.

— É rocha pura — Kaira tocou os vincos na pedra, deslizou os dedos sobre o rosto sólido do general. Tanto a carne quanto a armadura se haviam transformado em uma estátua rústica, com os contornos tão toscos que poderiam ser confundidos com fragmentos castigados pela erosão.

Urakin examinou o bloco nas mínimas nuances, na esperança de que o corpo estivesse lá dentro, de que aquela fosse apenas uma casca, uma *crosta*, mas não — a couraça antes metálica, a pele e os ossos do regente se haviam convertido em calcário, dos lados de dentro e de fora.

— Mas o que é isso? — ele praguejou. — Outro truque de Andril?

— Parece-me o Sono de Pedra — a ruiva não escondeu o desapontamento, e o comentário saiu atravessado. — Não vejo outra explicação.

— É algum tipo de encanto?

— Definitivamente, sim. Um encanto das fadas. Presumo que elas o tenham ensinado aos atlantes, assim como fizeram com o Eterno Verão. O ritual do Sono de Pedra converte o corpo do receptor em pedra bruta no instante da morte, e com ele todos os seus equipamentos.

— Com que objetivo? — quis saber Urakin.

— Os maiores rivais dos atlantes eram os magos de Enoque, então o feitiço não só impediria que seus pertences fossem roubados como preveniria que seus órgãos fossem usados em cerimônias de magia negra. — Muitos ishins, por sua afinidade com a natureza, haviam sido amigos das fadas, quando elas eram abundantes na terra. Kaira perdera a memória parcialmente, mas com a libertação da menina Rachel essas recordações aos poucos começavam a voltar, em clarões desconexos. — Quando o encontramos aqui, há três meses, ele não devia estar morto, embora seu coração estivesse parado. O frio certamente o mantivera em coma, e, quando a caverna esquentou, ele enfim pereceu.

— É uma teoria adequada — Ismael a apoiou —, tomando por base que a morte física começa com a decomposição celular, não com a parada cardíaca. — Analisou a estátua de perto, fez medições com os dedos e finalmente declarou o que todos esperavam: — Sinto muito, mas o espírito que habitava esse corpo se foi.

— Maldito seja o legado de Andril — Urakin deu uma cotovelada na parede. — O regente era a nossa única pista para encontrar a Segunda Cidade.

— Este era um dos muitos títulos atribuídos a Egnias, a maior das dez colônias atlânticas. — Estamos sem opções.

Sucedeu-se um breve silêncio, até que Ismael murmurou:

— Sempre há opções.

— Por exemplo? — Kaira o questionou.

— Conheço alguém que talvez possa nos ajudar — o Executor se dirigiu à saída. — Dependendo, é claro, do que estiver disposta a fazer.

— Já escutei esse tipo de advertência, e não gosto dela — enfrentou-o com dureza. — Diga-nos o que tem em mente, então veremos se é razoável.

— Claro — ele anuiu. — Mas prefiro conversar sobre isso lá fora. — Misteriosas energias circulavam a gruta. — Não acho que este seja um ambiente seguro.

Esperançosos e intrigados a um só tempo, Kaira e Uraquin acompanharam Ismael, que os convidou a deixar a caverna. Antes, porém, o Punho de Deus se lembrou de um juramento que fizera a um velho amigo, na ocasião da sua fuga do calabouço, e o comunicou à arconte:

— Centelha, se me permite — tocou o ombro da ruiva. — Gostaria antes de cumprir uma promessa.

— Uma promessa a quem?

— A Levih — e, diante da afirmativa, acrescentou: — Não vai demorar quase nada.

GOSTOU?

PRESTIGIE A LITERATURA NACIONAL.
COMPRE O LIVRO NAS LOJAS:

Submarino

 **Saraiva**

livraria cultura

Acesse também o site
www.filhosdoeden.com

Converse com o autor pelo Twitter
www.twitter.com/eduardospohr

E curta a página no Facebook
www.facebook.com/eduardospohr